



## **A retomada das sementes crioulas na educação básica em Três Lagoas/MS** *A retomada das sementes crioulas na educação básica em Três Lagoas/MS*

OLIVERI, Melissa Pereira<sup>1</sup>; FERREIRA, Jhiovanna Eduarda Braghin<sup>2</sup>; KUDLAVICZ, Mieceslau<sup>3</sup>; PERCILIANO, Emily Lima Cunha<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, melissa.p.oliveri@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, jhi.braghin96@gmail.com; <sup>3</sup>Agente da Comissão Pastoral da Terra – CPT/MS, kudlavicz@gmail.com; <sup>4</sup>Professora de Ciências, emylima311@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Educação em Agroecologia**

**Resumo:** A realidade da sociedade brasileira está alicerçada ao modelo agrário agrícola do agronegócio, que mantém relações predatórias com a natureza e que tem as sementes geneticamente modificadas para a produção em grande escala e com alta produtividade, visando o lucro. Na contramão desse modelo, encontram-se os camponeses plantando no sistema agroecológico, utilizando sementes crioulas, que são passadas de geração em geração, contando com maior diversidade de sementes e produzindo alimentos de verdade para o prato do trabalhador brasileiro. O objetivo deste trabalho é trazer à tona esse debate na educação básica, relatando uma aula dada referente às sementes crioulas. Para esta aula levamos amostras de sementes cultivadas em um quintal urbano para alunos do ensino médio na cidade de Três Lagoas/MS, a fim de evidenciar a existência de outro sistema de produção, que faz contraponto ao modelo do agronegócio, sendo a agroecologia em perspectiva.

**Palavras-chave:** agroecologia; soberania alimentar; educação básica; sementes crioulas.

#### **Contexto**

Os seres vivos dependem das sementes, que são a base da natureza e funcionam através de um ciclo natural, ou seja, das sementes nascem as plantas e as plantas produzem as sementes. As sementes utilizadas na alimentação humana foram domesticadas há cerca de 10 mil anos atrás, sobretudo pelas mulheres, dando início ao surgimento da agricultura. O que acontece com as sociedades (pós) industriais é a adoção de sementes chamadas de híbridas e transgênicas, buscando adequar o tempo da natureza ao tempo de giro do capital, para tanto, modificam geneticamente as sementes para aumentar a produtividade num curto período de tempo. Porém, este modelo necessita de mais uso de agrotóxicos, e assim se fortalece uma relação predatória entre sociedade e natureza, diferentemente da relação estabelecida pelos povos indígenas e camponeses, onde a diversidade biológica e cultural caminham juntas, em uma relação harmônica com a natureza, uma vez que entendem que a terra e a produção na terra são inerentes a vida, e não ao lucro.

Segundo Ribeiro (2003) a diversidade é fundamental a todos os sistemas vivos para a estabilidade do próprio sistema. Nesse sentido, as sementes crioulas são amplamente utilizadas, representando a cultura de um povo, de uma comunidade,



sendo sementes passadas de geração em geração e diversificadas, o que contribui para suas adaptações às condições do lugar onde são cultivadas.

Sempre foi desenvolvida pelos agricultores. É uma semente que está na mão dos agricultores e que **não sofreu nenhum processo de modificação**, a não ser pelo processo natural de seleção. Não são sementes compradas no mercado. São sementes que estão preservadas nas comunidades indígenas, quilombolas (KUDLAVICZ, 2021, p.3, grifo nosso).

Na contramão dos camponeses está o agronegócio, um modelo agrário agrícola, favorecido pelo processo de modernização da agricultura, associado ao capitalismo atípico e rentista brasileiro, que tem sua base na concentração de terras utilizando a terra enquanto reserva de valor, e não como lugar de morada e de trabalho. Como no sistema capitalista a busca é sempre pelo lucro, a terra virou mais uma mercadoria, e assim, a produção de alimentos é substituída pela produção de commodities e não para matar a fome do povo, apesar da justificativa usada pela Revolução Verde no Brasil era a de produzir para matar a fome.

Esse modelo do agronegócio favoreceu a monocultivo e destruiu a produção de autoconsumo dos camponeses, forçando-os a abandonar seus conhecimentos referentes a adubação, conservação do solo, e a produção das sementes, obrigando os camponeses a comprarem as sementes “selecionadas” e junto com a compra dessas sementes, é obrigatório o uso dos adubos químicos e venenos, e assim vão roubando os camponeses e tirando sua autonomia (KUDLAVICZ, 2021). Nesse sentido, se apropriam dos mais diversos aparatos tecnológicos para a produção em massa, onde as sementes também se tornam mercadoria, e passam por processos de modificações genéticas, desenvolvendo uma agricultura industrial, química e mecanizada (RIBEIRO, 2003).

Em um movimento de resistência, muitos camponeses seguem produzindo no sistema agroecológico, utilizando sementes crioulas para a produção, apesar da pressão de muitas empresas agroquímicas que tentam fazer o controle dessa produção e até mesmo patenteando sementes, na tentativa de proibição de plantio das mesmas pelos camponeses e pelos povos indígenas. As sementes transgênicas são patenteadas por essas grandes empresas, configurando um monopólio, e considerando as sementes essenciais à vida, quem controla as sementes, controla a sociedade (RIBEIRO, 2003).

Especialmente alarmante é a tendência atual para eliminar biologicamente o direito dos agricultores de guardar as suas próprias sementes para a próxima colheita, assim como para produzir e para melhorar as suas sementes. Essa prática é um direito ancestral que, inclusive, está reconhecido nas Nações Unidas (FAO) como Direito dos Agricultores. Mais de 1,4 bilhões de pessoas no mundo basicamente camponeses e camponesas pobres dependem para o seu sustento de poder conservar as suas próprias sementes. E são esses agricultores pobres que as empresas tentam fazer que destinem parte dos seus escassos recursos para a compra de sementes e insumos, sem que isso resulte em maiores receitas;



resulta, sim, na perda de sua independência e em maiores vendas e lucros para as empresas. As sementes são o primeiro elo da corrente alimentar. **Quem controla as sementes vai controlar a disponibilidade de alimentos** (RIBEIRO, 2003, p.68, grifo nosso).

Esses fatos indicam a importância do resgate das sementes crioulas, abrindo a possibilidade de mais autonomia para os camponeses que são os produtores de alimentos do prato dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil. Kudlavicz (2021) afirma que a sobrevivência das sementes dependem dos camponeses e a sobrevivência dos camponeses dependem das sementes, não só dos camponeses, como de toda a população, uma vez que as sementes proporcionam a produção de alimentos, e com as sementes crioulas, se tem uma produção diversificada, muito diferente do que encontramos nos mercados, com poucas variedades nos alimentos, e com uma alta concentração de alimentos ultraprocessados, que são defendidos pela lógica neoliberal e propagados a população com ferramentas favoráveis a alienação em massa.

Desse modo, acreditamos na relevância de trazer as sementes crioulas para o debate coletivo com a sociedade e, uma das formas que encontramos de por esse debate em evidência, foi através do ensino básico, pois a escola é um dos espaços mais importantes na formação de pessoas e cidadãos com capacidade crítica. Neste sentido procuramos levar estas informações em relação a sementes crioulas, dentro de uma perspectiva da pedagogia agroecológica, em busca da justiça social (SILVA; SANTOS, 2016). A sociedade precisa estar ciente quanto a origem da comida que chega até a mesa dos trabalhadores brasileiros, bem como precisa valorizar a produção camponesa, agroecológica, pois essa se mostra uma das mais importantes possibilidades de prosperar uma soberania alimentar. Por sua vez, a base da produção realizada pelo agronegócio tem inúmeros impactos socioambientais, e a agroecologia se mostra como uma das principais estratégias de se contrapor a esse modelo atualmente imposto na sociedade, gerador de desigualdades e que deteriora a natureza.

É com o objetivo de evidenciar a importância da conservação das sementes crioulas em busca da soberania alimentar que realizamos uma aula no ensino médio da Escola Estadual João Ponce de Arruda, na cidade de Três Lagoas – MS, através do convite da professora de biologia Emily Lima Cunha Perciliano. Essa aula decorre de outras experiências vivenciadas sobre as sementes crioulas através dos projetos vinculados ao Núcleo de Estudo em Agroecologia do Bolsão (NEA/Bolsão) e ao Laboratório de Geografia Agrária da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus Três Lagoas.

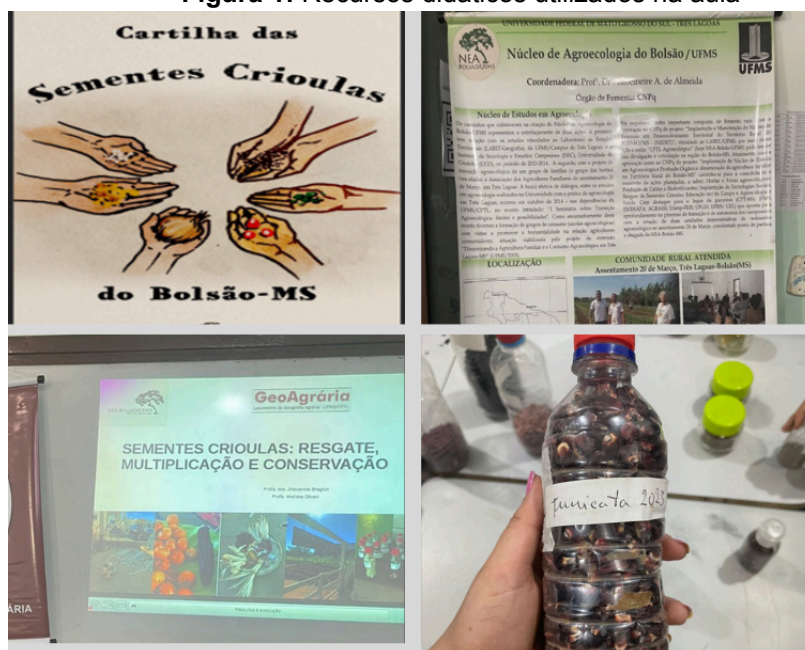
### **Descrição da Experiência**

O texto é composto por autores Professores de Geografia integrantes do Laboratório de Geografia Agrária da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPTL) e da Professora de Ciências da rede básica de ensino da cidade de Três Lagoas – MS, mais precisamente na Escola Estadual João Ponce de Arruda.



A aula foi ministrada pelas professoras: Ma. Jhiovanna Braghin e Melissa Oliveri, com auxílio da professora Emily Lima Cunha Perciliano. Como recursos didáticos foram utilizados slides com explicações e imagens sobre o assunto; banners de trabalhos publicados em eventos sobre a temática; a Cartilha das Sementes Crioulas do Bolsão-MS; e uma variedade de sementes crioulas produzidas em um quintal urbano do Professor, agente da CPT e coautor do relato Mieceslau Kudlavicz. Os recursos serão representados nas imagens a seguir:

Figura 1: Recursos didáticos utilizados na aula



Fonte: os autores, 2023.

Em um primeiro momento focamos na exposição teórica da temática, explicando o que são as sementes crioulas e o que são as sementes transgênicas, explicitando suas diferenças; o que o agronegócio produz e o que os camponeses produzem e para onde destinam-se a produção de cada um deles; e os tipos de agricultura: capitalista e agroecológica.

Num segundo momento realizamos a apresentação das sementes crioulas. Para a exposição das sementes a sala foi preparada criando um espaço de exposição para as sementes. As sementes do Professor Mieceslau são colocadas, em sua maioria, em garrafinhas, assim, os alunos tiveram acesso a essas garrafinhas, podendo pegar, visualizar e manejar as sementes facilmente.



**Figura 2:** Exposição das sementes crioulas



**Fonte:** os autores, 2023.

Durante essa exposição, fomos explicando cada variedade de semente disponível. A maior parte da turma se levantou para observar as sementes, no geral, ficaram bastante impressionados com a variedade de sementes e também por verem sementes de alimentos que nunca tinham visto, como a mostarda, um alimento que todos conheciam, porém apenas na versão ultraprocessada. Logo, foi uma forma dos alunos terem uma nova visão a respeito dos alimentos, mas também uma maneira de nos evidenciar que a nova geração tem cada vez mais dificuldade em ver os alimentos reais, uma vez que os ultraprocessados são cada vez mais difundidos nos mercados e nas mentes.

O modelo do agronegócio vai além de um modelo de produção, insere um novo modo de vida e difunde um discurso neoliberal que ocasiona alienação massiva, sobretudo através das grandes mídias. Considerando o atual recorte espaço-temporal de globalização, a informação se mostra como uma forte ferramenta ideológica. Devido às tecnologias, a informação atinge grande parte da sociedade com muita facilidade, no entanto, apesar da informação ser de suma importância para a sociedade, não há neutralidade na difusão de informações, e a grande mídia sofre influência da elite brasileira, que emana discursos voltados a manutenção, reprodução e permanência de uma estrutura social hierárquica que



favorece a burguesia brasileira (e internacional) em detrimento dos pobres (trabalhadores e camponeses).

As crianças já chegam na escola com uma bagagem teórica, que muitas vezes estão deturpadas. Nessa escola não foi diferente, a grande maioria já conhecia a realidade do agronegócio, mas não tinham muito conhecimento sobre a agroecologia e sobre as sementes crioulas, evidenciando uma problemática, uma vez que não conhecem outras realidades, não conseguem ter uma dimensão de possibilidades mais dignas e democráticas de se viver em sociedade e de uma relação mais harmoniosa com a natureza.

## Resultados

Consideramos essencial criarmos experiências de trabalhar com sementes crioulas em escolas urbanas, onde a maioria dos alunos tem pouca informação de como se dá a produção de alimentos que chega a sua mesa, mas vive bombardeada com as mensagens divulgadas pela mídia, de um modo geral, de que o “agronegócio é tec, o agronegócio é pop”, o que é uma grande ilusão. Portanto, através da aula foi possível esclarecer aos alunos que o modelo do agronegócio traz inúmeras consequências socioambientais, não visa a produção de alimentos, mas sim a obtenção de lucros, e que esse modelo não é o único modelo produtivo existente. Há outro caminho mais sustentável na contramão desse modelo, a agroecologia. Os alunos ficaram cientes que existem sim formas de produzir que estejam em consonância com a busca da soberania alimentar, que de mais importância para a produção de alimentos para matar a fome ao invés de produzir para obtenção de lucros.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e também, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

## Referências bibliográficas

KUDLAVICZ, Mieceslau. Sementes crioulas e feiras como estratégias de resistência e autonomia camponesa. In: II CONGRESSO ONLINE INTERNACIONAL DE SEMENTES CRIOULAS E AGROBIODIVERSIDADE, 2021, Dourados/Ms. **Anais [...]**. Dourados/Ms, 2021. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6976>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RIBEIRO, Sílvia. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. In: CARVALHO, Horacio Martins de (org.). **SEMENTES: patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 52-72.



SILVA, Marcio Gomes da; SANTOS, Marcelo Loures dos. A prática educativa dos movimentos sociais na construção da agroecologia. **Educação em Perspectiva**, Viçosa/MG, v. 7, n. 2, p. 263-282, 2016.